

# Usar a realidade é, sim, a luta do século

por Paulo Santos Lima

Documentar. Assinalar, registrar algo que existe, que possui lógica própria e que está em lógica com outro meio. Não, não vamos destrinchar os signos típicos de um documentário, de um modo de expressão realista. Tampouco se enveredar na busca do conceito de real.

Pois *Quando Éramos Reis* e *Basquete Blues - Hoop Dreams* são a chance de trabalhar o tema sem cair na chateação, sem fazer referências à objetividade das coisas. Pois não há nada mais objetivo do que uma cena – uma imagem – e o que ela tenta passar ao espectador. E não há nada mais subjetivo do que esta mesma coisa. Pois a intenção de um ato (no caso do cinema, projetar uma imagem) é, muitas vezes, previamente definida e arquitetada. Se o final disto coincide com que foi planejado, houve a tal objetividade nos signos utilizados. Essa objetividade, não esqueçamos, diz respeito a quem criou o discurso. Nunca a quem o está recebendo, pois a trilha que a mensagem chega depende da sensibilidade de cada um, sensibilidade esta bem distinta para cada pessoa.

Subjetivo, então, é o modo como o emissor quis passar a mensagem. Tanto que um criador de cinema não pensa em fracasso (de público, no caso dos filmes comerciais, e de repercussão, no caso do cinema autoral-reflexivo). Em princípio, ele quer passar uma mensagem que está clara.

Não nos esqueçamos que mensagem é tudo aquilo que está à vista, não necessariamente as “mensagens morais ou imorais” que o cinema para as massas possui.

Opa. Falei do que não devia. Espero que você, caro leitor, continue lendo, após essa massacrante fileira de palavras. Pulada a trincheira das idéias, vamos ao que interessa.

*Quando Éramos Reis* (96), de Leon Gast. Primeiramente, apesar de achar boxe o mais poético dos esportes humanos, não estava caindo na lábia do filme. Pareceria mais um documentário que o Globo Repórter faria sem qualquer prejuízo de técnica, já que ali só havia imagens de arquivo e alguns depoimentos. Mas que tolíce a minha! Nenhum documentário coloca os nomes dos entrevistados como se estivessem nos créditos de uma ficção narrativa. Não os documentários covardes. Mas *Quando Éramos Reis* tem fibra. *Muhammad Ali, George Foreman in When We Were Kings*. E vem, na sequência, nomes como o *promoter* Don King, do ditador Mobutu Seze Seko, o músico James Brown, o cineasta Spike Lee, etc. Nomes que, nos documentários, são apresentados didaticamente no correr do filme.

É evidente que o diretor Gast prefere Muhammad Ali. Baseou-se no antológico *A Luta*, livro que o jornalista Norman Mailer registrou a “maior luta do século”. O texto não é objetivamente jornalístico, mas humanamente jornalístico, emotivo como só os articulistas – às vezes – sabem ser. Gast, neste caso, privilegia Ali. O porquê eu conto logo.

O filme levou quase 20 anos para ser concluído. *Sundance Festival* soube dar o devido valor (deu também a *Basquete Blues - Hoop Dreams*) ao filme de Leon Gast. Mas, o que fez com que este filme resistisse

nas salas de cinema brasileiras, ao lado de superproduções como *Titanic*, e sob o crivo do público?

A começar, a história. A luta entre o campeão invicto dos peso-pesados George Foreman e um Muhammad Ali um tanto distante dos cinturões atrai até aqueles que não gostam de esportes. Porque Ali é figura conhecida da mídia, causa compaixão com o olhar meio perdido e o tremor que o Mal de Alzheimer lhe impõe.

A luta foi no Zaire, antigo Congo Belga, ou seja, para os leigos ocidentais, na barbárie. Mobutu, não haja dúvida, promovia este caos, principalmente com sua política repressiva. Dois norte-americanos no Zaire. Mesmo negros, no Zaire, o anti-exemplo e fruto norte-americano.

Ali sabia o que fazer. Defendia mesmo a causa negra. Mas se utilizou isso para ganhar apoio da população. Bandas de rock viajaram à África para apresentar a luta. A mais crucial luta que a história do pugilato registrou. Muito graças à mídia, não haja dúvida. Ali, no mais, fazia-se de palhaço às câmeras. Este que era o antigo Cassius Clay e teve coragem de mudar credo e linha de comportamento na pátria da hipocrisia e da liberdade manufaturada.

Viram como quase não citei Foreman? Pois ele era tão bem-intencionado quanto Ali. Mas era calado, não soltava frases de efeito e, quando falava, não emitia a luz ofuscante de seu rival. Sensível, deveria comover as massas (ele, após a derrota na luta com Ali, entrou em depressão por anos). Ele, contudo, não soube usar os mecanismos midiáti-

cos, fazer uma estampa palatável ao público. Não soube fazer seu *marketing*. Portanto, deixou de ser o principal, o carismático, e se tornou um estepe de vilão, de contraponto ao herói Ali.

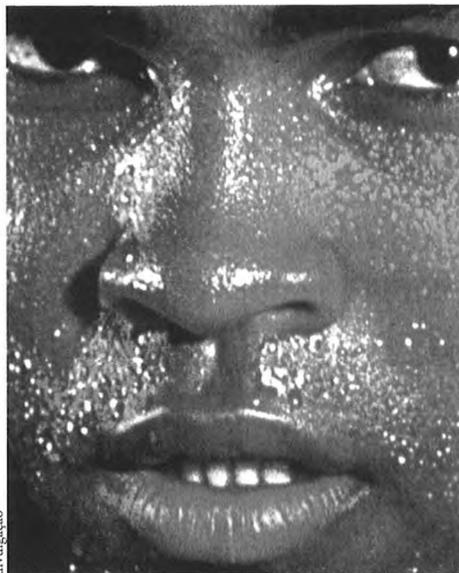
Voltando, por isso Leon Gast fez de Ali o protagonista do filme. Ele é o herói bem-humorado, irreverente e que engole as câmeras. Foreman aparece muito menos no filme, quase não fala ao espectador. Ele é como o vilão dos filmes mudos, que pouco aparecia a não ser no momento do confronto com o mocinho, fato que elevaria a moral do último. E é o que acontece. Foreman aparece mais na luta, como um pretexto para mostrar a sobrenaturalidade de Muhammad Ali naquele no ringue daquele estádio no Zaire.

Don King, por sua vez, é como um (anti) herói. Não. Ele é como uma eminência parda, que acompanha Ali em quase todas as tomadas, sorrindo, falando ao fundo, olhando, conduzindo. É quase como um diretor naqueles meses de 1974, uma prévia de Leon Gast. Sua índole é desmascarada por um depoimento que o põe como aproveitador, quase sanguinário, mas que, também, mostra o seu valor como promotor de lutas. Foi King, aliás, que conseguiu elevar o cachês dos campeões e, por isso, só arranjou o Zaire para promover a luta.

Com *Quando Éramos Reis*, estamos diante de um documentário com estrutura narrativa clássica. Com trilha sonora sincopada com os personagens. Com clímax. Com a utilização ostensiva da câmera para valorizar a estrela (Ali). Com os devidos cortes para impor relevâncias e situações.

O que o filme lega é o registro de um tempo que já não existe, um passado ainda inocente, em que se acreditava que dar a mão a um facínora como Mobutu fosse dar chance a um movimento que ainda hoje agoniza (o movimento de abolição do racis-

mo contra os negros). Essa “inocência” é posta abaixo da figura trágica de Ali. De Ali, porque Foreman tornou-se o “queridinho” dos norte-americanos, gordo e sereno, é pastor e vence lutas com dignidade titânica. Muhammad Ali foi o homem exaurido na vitrine da fama e postergado a “coitadinho”, vítima da nada paupável doença. Pois é duro apontar os culpados, que não são muito mais paupáveis: a mídia, a sociedade, o homem.



divulgação

E eis que surge *Hoop Dreams*, filme que ganhou, aqui, o ridículo título de *Basquete Blues* e relegou o título original a subtítulo. Os exauridos do presente, agora, não são lutadores de boxe, mas aspirantes a jogadores profissionais de basquete.

A caça dos olheiros dos colégios, que tentam encontrar os meninos promissores. O ingresso nas escolas particulares e a futura trapaceada nas mensalidades. Está tudo evidente logo nos 30 minutos de filme. O filme centra-se em Arthur Agee e William Gates, dois meninos negros e pobres de Chicago, que acabam entrando no ritmo empresarial

dos colégios e, depois, das universidades. São eles futuros Muhammad Ali, Jake La Motta, Maguila e Garrincha (para citar pelo menos um que não seja do boxe).

Os altos e baixos dos dois, que vão seguindo trajetórias distintas, é o grande achado deste documentário de 130 minutos. O problema (em princípio devastador) de ser quadrado, linear, cheio de depoimentos etc., torna-se um belo exemplo de como é possível fazer do comum, o incomum, da situação, a arte.

Se fosse um – citando novamente – Globo Repórter, certamente o espectador cochilaria no drama do pai de Agee, que, de pai-modelo, torna-se um traficante de drogas. Esta obra também acaba delimitando seus afores e suas vítimas. Poderia ser diferente, mas é a peça-chave para abrir seu interesse. Só um facínora poderia questionar a vitimização dos dois garotos.

O diretor Steve James soube – ainda melhor – questionar o sentimento do espectador. Quando se está comovido com as searas de Agee e Gates, volta à cena o irmão de Gates, que já havia sido considerado o Magic Johnson (ou Michael Jordan, sei lá) do time. E que pôs tudo a perder por seu gênio singular, sua altivez e rigidez de caráter que faziam dele um rebelde.

Gordo, amargurado, ele depositou suas esperanças no irmão. E, por mais que o cinema tenha em suas ficções personagens similares, é o momento em que a hipocrisia do documentário em defender a exposição da “verdade” ganha vulto. Por mais construída que sejam as realidades que todos os meios de expressão propagam, o irmão de Gates parece mais carnal a nossos olhos, mais real e próximo. É lindo este esforço humano em ser ou ter feito alguém. Mesmo que ingênuo, mesmo que na dantesca cultura norte-americana que deixa patéticos seus homens.